

PROVA INSTRUMENTAL DE LÍNGUA PORTUGUESA

A - Com base no texto adaptado da entrevista de Bosi, responda as questões propostas.

Bosi, um mestre entre a crítica e a utopia
Professor de literatura da USP fala em entrevista exclusiva sobre seu livro 'Ideologia e Contraideologia'



Alfredo Bosi: ensaio sobre seis séculos da acidentada civilização ocidental
Antônio Gonçalves Filho - O Estado de S. Paulo

SÃO PAULO - Logo no início de Ideologia e Contraideologia, Alfredo Bosi, professor titular de literatura da USP, cita o ensaísta francês Montaigne, que, falando dos nativos do Novo Mundo, disse: "Cada um de nós chama barbárie aquilo que não é de seus hábitos." Providencial lembrança. Como Montaigne no passado, Bosi observa apreensivo o recrudescimento do fanatismo e da intolerância no mundo contemporâneo, responsáveis pela erosão dos valores democráticos.

Sobre Ideologia e Contraideologia, o ensaísta e crítico, membro da Academia Brasileira de Letras, falou ao Sabático, na entrevista a seguir.

1- Atualizando uma questão proposta a Rousseau pela Academia de Dijon, o senhor acha que a ciência - da informática, inclusive - contribui para o aperfeiçoamento dos costumes e da sociedade? A internet está forjando uma ideologia?

Apesar da enorme diferença de contexto que nos separa dos escritos de Rousseau, a questão que lhe foi proposta continua atual, pois ainda está longe de receber uma resposta única e satisfatória. Os acadêmicos de Dijon queriam saber se "o renascimento das ciências e das artes contribuiu para o aperfeiçoamento dos costumes". Já no século das Luzes percebia-se o descompasso entre a civilização material e a ética, instâncias que a maioria dos ilustrados supunha serem irmãs gêmeas. Hoje a perplexidade conhece alvos diferentes. A difusão maciça das técnicas e das ciências aplicadas se faz mediante os recursos da informática. A escala é planetária, o que torna difícil emitir juízos de valor sobre os seus efeitos mentais e morais. Parece mais sensato pensar a questão em termos de fins, ou seja, de motivações dos usuários. O cidadão que procura na internet informações idôneas que respondam a suas dúvidas ou a suas preocupações sociais e éticas se beneficia de dados que poderão ajudá-lo a desmontar as tramas da ideologia corrente. É o seu antídoto possível em relação a informações manipuladas pelo poder do mercado, da mídia alugada ou do Estado. Mas há também o outro lado da moeda, que é real: se os interesses do internauta forem egocêntricos ou agressivos, o mal assumirá proporções inéditas na história da humanidade, na medida em que se reforçam aspectos perversos de determinadas correntes ideológicas: o consumismo irresponsável, a idolatria do capital ou do Estado, os fundamentalismos de todo tipo. Não nos resta senão pensar e agir no sentido de contrastar com os meios disponíveis as perversões

ideológicas com o sal da terra que é a contraideologia. Algumas de suas formas merecem ser contempladas: a crítica, os trabalhos da ciência e da arte, a autorreflexividade e algumas vertentes libertadoras da vida espiritual e religiosa.

2- Rousseau permanece um modelo de luta contra uma sociedade assimétrica. Com a globalização, a progressão da desigualdade parece reafirmar o poder de sistemas políticos hierárquicos. Como o senhor vê o homem que está surgindo dessa nova ordem política e econômica? Estaríamos diante de uma mutação antropológica?

A questão foi tratada no Segundo Discurso de Rousseau (1755), que não venceu o concurso da Academia, mas inaugurou uma corrente democrática radical. O Antigo Regime, fundado na sociedade de ordens e estamentos, era iníquo. Alguns anos depois da morte de Rousseau, a Revolução Francesa destruiu o velho sistema e mudou a sua estrutura política. A burguesia passou a ocupar o centro do poder, destronando a nobreza hereditária. As classes médias e o proletariado cresceram consideravelmente e tiveram que empreender uma luta árdua para ter acesso aos bens da nova sociedade industrial e da cidadania liberal. Confirma-se o longo percurso das classes subalternas para chegar ao sufrágio universal e às leis trabalhistas. Quanto à globalização capitalista, que vivemos há 40 anos, é evidentemente assimétrica e, não por acaso, sacudida por crises intermitentes. Não me arrisco a afirmar que esses espasmos febris do capital e, por tabela, dos governos, estejam produzindo uma mutação antropológica. Mas o que salta à vista, de todo modo, é a difusão de um sentimento de insegurança que parece transversal, pois penetra em todas as classes. O 'homo timens' apoderou-se do homo sapiens, lançando-o em um estado de incerteza de que ele procura fugir imergindo na futilidade do prazer consumista ou nos confortos da técnica vendidos pela civilização de massas. Há também evasões fundamentalistas que exprimem graus de insegurança existencial significativos. O fato de cada um buscar o seu refúgio é uma fatalidade que data, pelo menos, da idade das cavernas. Mas é justo temer o excesso de temor. Esse comportamento é perigoso, pois, como dizia Alain (Émile Chartier, 1868-1951): "Je n'ai peur que des faibles." Só tenho medo dos fracos, ou melhor, dos que se sentem fracos e reagem por meios violentos.

3- O mundo ainda virá a ser socialista?

Eu teria um enorme prazer se pudesse responder com um alto e sonoro "sim!" a esta pergunta. Entretanto, o olhar que dirijo ao que posso alcançar (certamente pouco) não me autoriza a ir além de uma esperança, que suponho bem fundada, nas potencialidades de um reformismo democrático. Acredito em soluções que deram certo, o Estado-providência, por exemplo. E em propostas que já foram ou estão sendo testadas: o desenvolvimento sustentável, a democracia participativa, o orçamento participativo, a economia solidária. A contraideologia precisa dispor de meios a curto e médio prazo para sustentar-se. Quanto às utopias, há sempre tempo para sonhar.

4- A exemplo de Pasolini, o senhor levanta uma discussão em torno das palavras desenvolvimento e progresso, classificando a primeira como uma ideologia, "talvez a mais prestigiosa ideia-força de nosso tempo". Por que a ideia de progresso empobreceu tanto?

A ideia de progresso foi perdendo prestígio, sobretudo entre os intelectuais dotados de senso crítico, na medida em que se formulava de modo linear segundo um esquema de evolução automática. Duas guerras mundiais, dezenas de milhões de vítimas,

bombas atômicas lançadas contra populações civis no Japão, a guerra suja do Vietnã, as ditaduras fascistas e stalinistas, a Guerra Fria e outros tantos atentados à dignidade humana tiraram da palavra a aura mágica que a envolveu durante o século 19 e parte do 20. Em contrapartida, o ideal de um desenvolvimento integrado à natureza e respeitoso do trabalho, tal como o defendia Celso Furtado nos seus últimos livros, veio ocupar com vantagem o lugar do termo "progresso".

estadao.com.br/cultura

Questão 1

Elabore um resumo indicativo da resposta de Alfredo Bosi à pergunta **número 1** da entrevista, seguindo as diretrizes apresentadas abaixo:

RESUMO INDICATIVO

O resumo indicativo ou descritivo faz referência às partes mais importantes do texto. Utiliza frases curtas, cada uma correspondendo a um elemento importante do texto.

Fonte: Lakatos, E.M.; Marconi, M. de A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992. p.74.

QUESTÃO 2

Elabore duas perguntas que poderiam ser articuladas às respostas 3 e 4 dadas por Alfredo Bosi em sua entrevista. (Uma para cada resposta).

QUESTÃO 3

Qual a opinião de Alfredo Bosi sobre o *homem que está surgindo dessa nova ordem política e econômica*? (Pergunta número 2 da entrevista).